

exposição do MAPA na LIGA, Mexico

Angelo Bucci

2014

Introdução

a maturidade dos jovens e uma mudança notável de formato e de abordagem

O que fazem hoje os jovens arquitetos quando se formam? Eles seguem juntos, em grandes grupos, e fundam um escritório. Essa ação, ou reação à conjuntura, tem se repetido com cada vez maior e mais frequência no contexto sul americano. Ou seja, os novos escritórios de arquitetura surgem como resposta afirmativa diante de um contexto que lhes nega possibilidades. A organização desses escritórios se antecipa, em geral, à própria demanda de trabalho. Mais longo e mais difícil, verdade, mas tem sido esse o caminho trilhado por inúmeros jovens nesse lado do mundo. A tal ponto difundido que se pode dizer que eles inventaram um novo formato de organização profissional para fazer possível a sua inserção na atividade.

É nesse novo formato que se funda o escritório MAPA.

A origem desse novo formato, adotado hoje de modo bastante sistemático pelos novos escritórios, remonta ao início dos anos 1990. Além da falta de possibilidades de trabalho, ditada pela condição econômica, duas condições conjunturais acabaram por impelir os jovens a essa alternativa há já mais de duas décadas. A primeira delas é a retomada do processo democrático, que permitiu certa reestruturação de instituições fundamentais à prática da arquitetura em diálogo com a crítica: as escolas, os concursos, as exposições, os debates e as publicações. Não é que essa reestruturação tenha sido produzida por uma política cultural consequente, de fato não foi assim; mas pode-se constatar que num processo democrático há mais espaço para as instituições do diálogo cultural e que elas tendem a se consolidar; mesmo que de improviso, mesmo que precariamente. A segunda condição é a multiplicação do número de escolas de arquitetura e, conseqüentemente, a explosão do número de arquitetos.

Esse novo formato pressupõe engajamento e, claro, disposição para o diálogo. Mas não basta a disposição, é preciso um treino para que o diálogo seja efetivo naquilo que interessa: projetos de arquitetura que tenham sentido, mais adequados a cada contexto e melhor elaborados. Esse treino, claro, tem um campo privilegiado na universidade. Não me refiro a uma escola específica, digo universidade para me referir a todas elas ao mesmo tempo, a instituição sem paralelo difundida no mundo todo e que, hoje mais do que em qualquer outra época, tem suas unidades extremamente inter-relacionadas graças aos programas de intercâmbio acadêmico e claro ao entusiasmo dos estudantes engajados naqueles programas. Quero dizer, o diálogo entre distintas escolas só se faz possível graças à ação dos estudantes dispostos ao diálogo aberto, entres distintas instituições e contextos culturais diversos. Nesse sentido refiro-me a qualquer escola no que elas têm de mais especial, refiro-me o evento que elas promovem e que não teria outro espaço para existir: a cada novo ano cada uma delas agrega digamos cerca de uma centena de novos estudantes e os coloca em convívio diário por cerca de cinco anos e depois pela vida afora. Elas agregam um grupo de jovens que compartilham interesses, que somam entusiasmos e que querem se desenvolver, juntos, numa atividade.

Esse treino para o diálogo caracteriza a produção e define o arranjo produtivo de que se serve o escritório MAPA.

É de se supor que, em parte por conta do contexto em que esses arquitetos se formaram e principalmente devido aos valores que se cultivam naquele processo, arquitetura, para eles, é acima de tudo uma atividade coletiva. Arquitetura para eles é engajamento e manifesto. Sem abrir mão da invenção, sem renunciar à autoria. Eles se treinaram em grupos, tendem a ser mais livres das veleidades individuais. Por isso, vale dizer que, em boa medida, os jovens arquitetos de hoje são mais maduros do que as gerações que os precederam. No plano cultural, eles chegarão mais longe.

Há sinais claros de avanços, e nesse aspecto a própria formação do MAPA é uma bandeira.

Digo, há um traço cultural que marca como um sinal de nascença os países todos da América do Sul. É uma herança terrível na qual a condição de miséria econômica, do passado colonial, estende-se absurdamente ao campo da cultura. Esse traço imprimiu aos países uma deformação de abordagem que se caracteriza por um olhar verticalizado: olha-se para cima com inveja, para baixo com desdém, e não se olha para o lado por nada nesse mundo. Assim, por mais de quinhentos anos, temos tido um padrão cultural almejado e fixado no modelo, digamos, europeu. Ao mesmo tempo, temos nutrido um desprezo sistemático pelos valores culturais que estão ao nosso lado, além do nosso próprio. Esse traço mostrou-se insuperável por mais de quinhentos anos. É, portanto, notável que hoje, surpreendentemente, se veja multiplicar sinais que anunciam uma mudança no sentido de superar aquela herança. Isso se faz sentir na ampliação do diálogo e no intercâmbio crescente, mais uma vez com destaque os estudantes e aos jovens arquitetos, entre países vizinhos na América do Sul.

Eis a bandeira notável do MAPA: um escritório de matriz cultural híbrida. Formado por jovens arquitetos uruguaios e brasileiros. Eles reconhecem que compartilham questões comuns e somam o repertório de que dispõem gerados num e noutro contexto para responder às demandas. Dão provas, já na sua escalação, de que têm arsenal para o diálogo capaz de somar forças inclusive, e com destaque aqui, no que até então era duplamente desprezado, eles atestam que estão no caminho de superar aquele legado de um olhar cultural verticalizado. Além disso, a composição do grupo, numerosa com os seis sócios Luciano Andrades, Matías Carballal, Rochelle Castro, Andrés Gobba, Mauricio López, Silvio Machado além de inúmeros colaboradores, demonstra que para eles o engajamento e o manifesto devem estar acima das veleidades individuais. Ao contrário, eles anunciam como bandeiras, efusivamente pela sua formação, que arquitetura é uma atividade coletiva.

Não é pouco. Já é muito mais do que um bom início. Esses jovens são mais maduros. Aliás, a produção do MAPA com pelo menos três projetos tão consagrados e de escalas distintas [Sede Administrativa do CREA Paraíba, 2010; MINIMOD, Rio Grande do Sul, 2013; Casa em Xangrilá, Rio Grande do Sul, 2010-2013] já dão provas suficientes de que se fala de um escritório já consolidado.

MAPA na LIGA

A exposição do MAPA no espaço da LIGA, México, deve ser duplamente celebrada.

Afinal, LIGA, embora fundada há apenas 3 anos, em 2011, por iniciativa dos arquitetos Abel Perles, Carlos Bedoya, Víctor Jaime, Wonne Ickx [escritório PRODUCTORA] tem tido uma atuação marcante e uma curadoria, por Ruth Estevez, destacada; de modo que as suas exposições trimestrais, e os chamados interlúdios, conferências e workshops, já reuniram ali muitos dos novos expoentes, com destaque especial aos jovens arquitetos. A LIGA tem aberto um espaço importante e tem tido uma curadoria corajosa, pois marca seu papel ao explorar novos nomes da produção arquitetônica contemporânea, ou seja, exibem uma obra jovem e vigorosa, assim ela amplia o espaço para a reflexão e põe no centro do debate uma produção

surpreendente e inovadora.

Com essa orientação, temos a impressão de que a cada novo convite a LIGA agrega um novo membro à sua causa que é também a causa de tantos outros que ela sabe identificar, é também a mesma causa que anima a produção dos jovens arquitetos no mundo de hoje, em particular, no continente sul americano: a disposição para o diálogo, a arquitetura com atividade coletiva e o olhar abrangente.

Assim, também a mostra do MAPA é uma forma de prospecção do futuro, pois ela marca o encontro entre jovens arquitetos atuantes no Brasil e Uruguai que vão ao México a convite da LIGA para falar, através da sua obra sobre o que vislumbram como desdobramentos para a atividade da arquitetura.

Comentários sobre a mostra Espacios en Espacios, por MAPA

Pensar uma obra de arquitetura não é a mesma coisa que pensar uma obra de arte para uma exposição. Um arquiteto não é um artista nesse sentido. Portanto, o convite para participar de uma exposição em que a obra se expõe de modo similar a uma obra de arte, chega para um arquiteto como um desafio ou, no mínimo, um alerta: não confundir o propósito da sua atividade. Em outras palavras, é necessário encontrar o recorte adequado, um modo de fazer da obra uma exposição de motivos, de valores, como um comentário sobre o seu próprio processo de pensar arquitetura. Esse recorte é de notável acerto na mostra proposta pelo MAPA para a LIGA. A exposição é guiada por quatro operações nitidamente descritas: [1] da repetição à série, espaços nos espaços; [2] a disposição seriada, variável vertical; [3] a operação básica, o interior exposto; [4] a espacialidade relacional, o espaço difuso. Infere-se, portanto, que é também um raciocínio operativo que os guiam no processo de elaboração de um projeto de arquitetura. Operação em oposição à composição. No sentido de que é uma ação num meio para produzir efeito ou resultado. É uma ação através da obra, que se faz mais como um jogo de forças com o meio do que como um jogo de formas. Claro, é um modo de pensar informado pela condição metropolitana, que se caracteriza pela dissolução do objeto num conjunto banalizado também pela escala. Nesse processo, experimentam-se duas constatações contraditórias: num primeiro momento tem-se a impressão de que a obra perde valor pela dissolução; mas, em seguida, constata-se que ela tem sua potência ampliada ao extremo, pois ela reverbera-se no universo como se tudo o que havia antes se associasse ao novo no discurso para propalar a mesma ideia.

É com base nisso que se pode compreender a obra proposta pelo MAPA.

Trata-se de uma obra que dialoga com essa condição metropolitana e a ação que ela demanda para imprimir uma dimensão humana ao mundo. Além disso, a proposta realiza algo impressionante, promove um achatamento do tempo para fazer com que a condição contemporânea, habitar a metrópole, reencontre sua mais profunda ancestralidade sobre a ideia de morar nos trópicos.

Vejamos como eles realizam isso.

O 'elemento básico', aquele prisma vertical de madeira rusticamente talhada que se repete tantas vezes quanto possível dentro do ambiente expositivo, deixando entre eles um espaço mínimo de 60 cm apenas no limite suficiente para que as pessoas possam circular nalguns trechos entre eles, a reprodução do elemento básico realiza duas representações: do contexto e do tempo que antecede a ação. Sim, é muito importante que o elemento se repita tanto quanto possível, pois o contexto que ele representa deve ser despersonalizado e a multiplicação é a operação de que eles se servem para pulverizar o elemento no conjunto. Pulverização é a dimensão predominante do que se experimenta, num primeiro momento, na condição metropolitana. Também é muito importante que o espaço entre as peças seja mínimo ao limite, pois o sentimento típico que experimentamos naquele contexto, metropolitano, é a angústia; que é bem representada pelo modo de se circular num espaço tão exíguo. O que aflora no pano de fundo criado para a obra, assim como no contexto metropolitano, é uma carência, que, para ser preenchida, demanda a ação.

Então, na obra do MAPA, a reação ao contexto é enfática, é ela que constitui a operação propriamente dita: entalha-se num prisma indistinto uma forma nítida, uma seção de um cubo circunscrito. A denominação dada por eles, o interior exposto, pode nos fazer supor que os elementos básicos representem edifícios verticais de uma grande cidade. Assim, o corte nítido expõe como uma revelação do que ali estava encerrado, como se abrissem as paredes externas dos apartamentos trancados, como se dessem voz às pessoas caladas pelo isolamento. É uma espécie de avesso em que o interno, como um quarto fechado, vira o externo, como uma varanda. Torre escura convertida em farol. Torre muda, em minarete. Células de isolamento são invertidas para se transformar em plataformas do diálogo.

Tendo a ver a exposição do MAPA como um teatro da condição metropolitana, como um palco e cenário ideais para o diálogo entre os arquitetos naquele encontro. Os autores seriam também os atores, além de outros, ali. Numa daquelas plataformas tão nitidamente talladas estariam Luciano Andrades, Matías Carballal, Rochelle Castro, Andrés Gobba, Mauricio López, Silvio Machado; noutra estariam Abel Perles, Carlos Bedoya, Victor Jaime, Wonne Ickx; noutra Ruth Estevez e assim por diante de modo que cada plataforma estivesse ocupada para fazer um evento ricamente polifônico com todas as vozes possíveis e uma abordagem abrangente sobre os rumos da arquitetura que lhes interessa no futuro.

Acredito que o futuro sonhado por eles, será o futuro de fato. E é notável ver que nos sonhos de futuro proposto nessa exposição cabe também a mais profunda ancestralidade das casas nos trópicos, uma forma que nunca teve tradução deliberada no repertório formal da arquitetura. Por isso, creio, merece nota o fato de que a seção nítida proposta e entalhada nos elementos básicos são, esquematicamente, as cavernas da Serra da Capivara de São Raimundo Nonato, no Piauí, Brasil. Ancestral de fato, pois estão lá os registros mais antigos da presença do homem na América do Sul. Naquelas cavernas não havia interior, ou melhor, o interior de lá era, como propõe o MAPA nesta mostra, sempre exposto. A casa ancestral nos trópicos era só varanda. A linha que separa dentro e fora pode não ter existido por aqui até o início do processo de colonização.

Imagine a natureza da matéria removida naquele corte e a espessura removida dali.

Eis a dimensão da superação que vejo esboçada nesse encontro com a proposta do MAPA para a LIGA.

